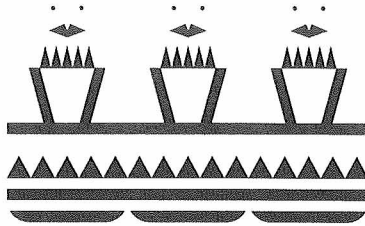


Isak Dinesen e Karen Blixen: a letra tão visível

30

— **Maria João Lello Ortigão de Oliveira**
Faculdade de Belas-Artes - Universidade de Lisboa



*Ela fez de uma história uma essência; da essência um elixir;
e com o elixir começou de novo a compor a história.*

(Hannah Arendt)

31

A figura um pouco excêntrica da escritora surge de variadas formas: desde logo num certo prazer da visibilidade, sintoma de aparente pouco discernimento no universo da cultura dita séria, que faz do apagamento um firme credo existencial. Não existe figura mais venerada do que J.D.Salinger, de quem não resta senão uma vaga fotografia antiga, e que tinha como exercício favorito o afastamento dos jornalistas a tiro de caçadeira.

Isak Dinesen, ao contrário, gostava de ser vista. Vale a pena determo-nos sobre as fotografias, que a representam aos 70 anos, – no auge da fama literária – e seguramente não a favoreciam: A extrema magreza, as rugas vincadas, o baton que se adivinha carregado, o olhar perscrutante, o vestuário exótico, os turbantes, tudo convoca nela uma dimensão mítica, estranha sibila, aquém ou para além do espaço ou do tempo.

Rodeada por uma corte de seguidores, idolatrada por eles, vivia então na sua propriedade dinamarquesa, onde se manteve nos últimos 30 anos de vida. Da fixidez da fotografia ao movimento do filme, alguma coisa porém se altera: as entrevistas que concedeu por então, transmitem uma delicadeza de modos e uma afabilidade na voz, dignas da grande senhora que era, e a comparação só pode remeter para as demasiadamente esquecidas antepassadas francesas, Mesdames de Rambouillet, de Tencin, Sevigné, du Deffand – inspiradoras dos *salons* dos séculos XVII e XVIII, e que elevaram a arte da conversação, do *esprit* e da narração brilhante, a um nível impossível de conceber hoje em dia.

Ela aliás, e com alguma humildade irónica, insistia em definir-se como mera contadora de histórias, por vezes referindo Sherezade como modelo...

É pois uma autora singular, inclassificável, anacrónica. Mas suficientemente audível no seu tempo, para que Hemigway, muito mais famoso, lhe tivesse prestado homenagem, quando ao receber o Nobel, disse ser ela a merecê-lo.

Desta dinamarquesa nascida no século XIX não se esperariam, com efeito tamanhos feitos, vividos, contados e filmados.

Hannah Arendt refere:

No caso de Karen Blixen, seja como for, há uma linha bem nítida que separa a sua vida da sua vida póstuma como escritora. Só depois de perder aquilo que constituía a sua vida, o lar em África e o amante, só depois de regressar à sua casa de Rungstedlund, uma perfeita falhada de mãos vazias, não trazendo outra bagagem além da dor, da tristeza e das recordações, é que ela se tornou a artista de sucesso, que de outra forma nunca teria sido.

Do pai – que se suicidou quando ela tinha 10 anos – herdou o gosto pelas viagens longínquas, pelas histórias, por um certo inconformismo social, e por interposto primo, a sífilis. Mas estou a avançar demasiado depressa: Karen Christentze Dinesen nasceu a 17 de Abril de 1885 em Rungstlund, na Dinamarca. A família era rica, aristocrática e culta, o que representa uma bênção, sob qualquer céu. Talvez os caprichos da fortuna tenham achado que bastava. O que lhe foi oferecido à nascença de vantagens, não se repetiu numa vida difícil e atribulada. Os primeiros interesses e estudos foram artísticos.

Estudou arte na Academia de Copenhaga e depois em Paris. Vocação e/ou pretexto para fugir a um ambiente de asfixiante rigor moral e social, ordenado por mulheres – mãe avó tias – devotas e práticas – os seus trabalhos artísticos – sobretudo retratos – revelam qualidade, subtilidade e sensibilidade. Não se sabe a razão da desistência artística, mas logo no ano seguinte, em 1907 publica os primeiros textos.

A paixão não correspondida por um primo sueco, levou-a a um *mariage de raison* com o gémeo daquele, Bror Blixen, nada que não fosse habitual entre a nobreza do *ancien régime*, no qual algumas famílias terratenentes do norte da Europa, ainda viviam. Com o dinheiro avançado pela respectiva parentela, embarcaram numa aventura africana. O facto de lá terem chegado nas vésperas da eclosão da Grande Guerra, não augurava nada de bom. Na realidade, em termos económicos, a aventura da *farm in África*, saldou-se por um rotundíssimo fracasso. O primo e marido não era exactamente um administrador modélico e as experiências pioneiras de cultivo do café só trouxeram desastres. Além do título de baronesa, Bror transmitiu-lhe ainda uma inominável doença, a sífilis, que lhe condicionou, – ao que parece – toda a existência.

O casal acabou por se separar, e a baronesa continuou a explorar durante uns anos a fazenda, sozinha. Catastrófica do ponto de vista financeiro, a experiência africana foi determinante na vida de Karen, por três motivos principais: porque lá viveu o grande amor, encarnado na fascinante figura de Denys Finch-Hatton, um aventureiro inglês de origens aristocráticas; porque se apaixonou pela terra africana, a sua escala e as suas cores, e finalmente, mas não menos importante, porque aprendeu a conhecer o povo

africano, e essa aprendizagem alterou a forma como esta nórdica de classe alta, aparentemente confinada na sua condição e estatuto, passou a ver o mundo.

O destino entretanto encarregou-se de a castigar: o grande amor morreu e Finch-Hatton também logo a seguir; a terra pregou-lhe a partida de não produzir aquilo que era suposto. Apenas a generosidade, delicadeza e sabedoria dos africanos não a desiludiram. Guardaria esse ensinamento o resto da vida.

De regresso à Europa em 1931, solitária, doente e humilhada por sucessivos fracassos, Karen recolhe à mansão familiar na Dinamarca. E recomeça a escrever.

A escrita de contos e não de grandes romances, põe à prova a capacidade de síntese que a tradição considera alheia ao género feminino. As mulheres são prolixas, perdem-se em detalhes, adjectivam demasiado, não são substantivas, em suma. Ora Blixen, utilizou sobretudo a forma do conto nas narrativas que converteu em palavras. O texto mais longo é sintomaticamente uma autobiografia, como se suspeitasse que a verdade pode ser ficcionada até ao infinito, enquanto a ficção tem regras específicas e muito rigorosas.

O facto de ter estudado e praticado as artes plásticas fez incorporar na sua escrita ressonâncias sinestésicas, a que grandes cineastas foram sensíveis.

Propomo-nos então analisar três filmes baseados na obra de Karen Blixen.

São eles: *A Festa de Babette* (1985), *História imortal* (1968) e *África minha* (1987).

A Festa de Babette

33

A Festa de Babette celebra a apologia da criatividade humana. É também uma reflexão sobre as diferenças culturais e psicológicas entre duas Europas; a do sul, mediterrânica e católica, e a do Norte protestante. Reabilitação de uma dimensão humana considerada “menor”, a culinária demonstra a impossibilidade de um povo ser feliz com uma dimensão gustativa tão frustrante como a daquela vila nórdica.

Babette faz o milagre da reconciliação entre prazer estético, prazer gustativo e comunhão de afeições. A mesa une as pessoas.

O conto resume-se facilmente: um ministro luterano vive com as duas filhas, numa remota ilha piscatória da Noruega. Congregou entretanto um grupo intensamente pietista de que é o líder incontestado. Dá-se o caso de ambas as filhas serem belíssimas e assim tornam-se objecto de desejo, uma de um jovem aristocrata devolvido à ilha por mau comportamento, e a outra, de um cantor de ópera francês, de nome Papin.

Ambas as situações não passam de esboços, o jovem e ambicioso militar volta para a capital, sem sequer exprimir o que sente e Papin é convidado a retirar-se, quando o austero pai percebe que as lições de música se tornaram mais do que aprendizagem de canto.

Passam os anos, o pastor morreu e as filhas dão continuidade à mensagem e à obra rigorista do pai. Entretanto chega à ilha uma mulher francesa, Babette, fugida dos excessos da Comunidade, e que vem encomendada por Papin, velho conhecido, que morrera entretanto. Embora pouco tenham, acolhem-na com generosidade, e ela torna-se a cozinheira rapidamente indispensável das duas senhoras.

Um dia, anos volvidos, Babette informa as velhas damas que ganhou a lotaria, e que gostaria de exprimir a sua gratidão, fazendo o jantar de comemoração dos 100 anos do pastor, que se aproximava. As irmãs hesitam, porque a relação delas com a comida é de uma extrema frugalidade. Nesse meio, qualquer solicitação dos sentidos é vista como pecaminosa.

Finalmente o dia da festa chega. Com o resto dos convivas, vem também um célebre e cosmopolita general de visita à velha tia, nem mais nem menos, o homem que em jovem se sentira atraído por uma das filhas do pastor.

O banquete que Babette prepara é extraordinário de qualidade e requinte. E embora os membros da comunidade religiosa tivessem combinado entre si que não se deixariam impressionar pelos prazeres culinários, a verdade é que à medida que o jantar avança, e a comida e a bebida são servidas em profusão, o ambiente torna-se menos austero e as pessoas distendem, conversam, reconciliam-se e encontram-se como há muito não acontecia. Fica-se então a perceber que Babette fora uma extraordinária *chef* francesa, de reputação europeia.

No fim desta memorável celebração, Babette confessa às irmãs que não se vai embora, como elas temiam, porque o dinheiro ganho fora integralmente gasto no banquete.

Gabriel Axel realizou, a partir daqui, um filme subtilíssimo.

Menos conhecido que Sidney Pollack ou Orson Welles, autores dos outros dois filmes baseados em obras de Blixen, o realizador dinamarquês não impõe tão deliberadamente o cunho autoral.

34

Trata-se antes de mais, de uma homenagem à complexidade da cultura dinamarquesa, que resulta, como todas as culturas relevantes, de uma interpretação da cultura europeia e de fenómenos locais, tal como a própria escrita de Blixen resulta numa mistura de cosmopolitismo e especificidades nórdicas.

As artes visuais exprimem estados inefáveis, de forma oblíqua, evocam em vez de explicar. A explicação intelectual não tem a força da intuição. Já o Abade Dubos o referia no século XVIII.

Obra inspirada em pintura, como se um pintor multifacetado tivesse pintado as cenas, evoca a pintura oitocentista e a famosa “luz do norte”, onde pontificam nomes fundamentais e não tão reconhecidos, como os pintores da escola de Skagen, Anna Anchor, Severin Kroyer, entre outros.

Da mesma forma, surge a pintura romântica alemã: Caspar David Friedrich, no confronto do indivíduo solitário face à natureza, numa tentativa de reencontro com as regiões mais recônditas do eu. A interrogação metafísica das extensas paisagens exteriores, não invalida a presença das referências à pintura de género intimista: figuras isoladas nos interiores, como as de Hamershoi; ou os estudos realistas de gente absorta, não sentimentais, como as de Anna Anchor; ou mesmo de Harriet Backer, autores especializados no simbolismo sofisticado de cenas interiores femininas, banhadas em efeitos de luz transformadores.

Não estamos aqui no território da cópia servil ou de uma qualquer ressonância a *tableaux vivants*: trata-se de tipos genéricos de pintura, não de quadros específicos. Assim, as várias maravilhas gastronómicas de que o banquete se compõe, são outras tantas naturezas mortas de cor e brilho mágicos. A própria cena final remete

para uma tela simbolista que gostaríamos tivesse sido pintada.

Do impressionismo dinamarquês de exploração dos efeitos lumínicos – os já mencionados *Blue painters* – à tendência simbolista, distante do fenómeno francês, e onde a obra de Munch também paira, a arte acompanha o aquecimento progressivo do mundo frio e puritano da comunidade pietista, através da progressiva animação dos tons quentes associados a Babette.

Todavia, a evocação da pintura escandinava, e de forma geral, do norte da Europa, tão presentes no filme, representam mais do que uma incursão culta nos territórios da história de arte ou uma qualquer necessidade de validação artística. É antes, uma forma de o realizador invocar a sua concepção do mundo – pintura, literatura, música, humor, teologia.

Com efeito, e a par do contraponto plástico – interiores de cores quentes e exteriores frios –, também a música interpreta um papel duplo: os hinos religiosos que a comunidade pietista canta, são o oposto da música que revela o erótico da arte nas canções que Papin e Philippa ensaiam em dueto, e que determinam a intervenção do rigoroso pai pastor, expulsando o professor de musica insolente.

As referências literárias são abundantes: a história de amor platónica e românticamente tratada entre a velha senhora, ainda bela, e o general; a memória que perdura e resgata, o tempo reencontrado. O humor encontra-se omnipresente e ajuda a esclarecer a dimensão teológica, entendida aqui como visão do mundo, e que esclarece as diferenças substanciais entre o Norte e o Sul, entre o catolicismo exuberante e o pietismo rigoroso, entre um povo que come açorda de pão duro com peixe seco todos os dias, e um povo que cultiva a culinária e os seus refinamentos, como uma das belas artes.

Entre a exaltação dos sentidos e a sua absoluta reprovação. De referir como exemplo, a importância dada ao corpo da tartaruga – animal gigantesco e monstruoso – que dá origem a uma sopa deliciosa –, metáfora associada ao mal, força demoníaca que as irmãs temem ter soltado, ao consentir na festa.

Elizabeth Podles nota as diferenças entre o filme e o conto: Segundo ela, Axel quis dar um tom mais universal, insistindo na relação entre arte e graça, enquanto Blixen remetia a sua história para uma dimensão mais histórica e particular.

Outra divergência reside no facto de a história no original ser em inglês, e passar-se na Noruega. Axel situa-a na Dinamarca e as personagens falam em dinamarquês.

Divergências à parte, aquilo que o conto filmado e o filme contado sublinham, de forma definitiva e sublime, é a consagração de Babette como artista, independentemente do modo, sendo a sua morada, o reino transcendente da arte, independentemente do tempo.

Umhas breves palavras finais para os outros dois exemplos.

História imortal

Faz parte da colectânea de contos *Anedotas do destino*, de 1953, tal como a *Festa de Babette*. A história resume-se assim: Um velho europeu pede a um casal de jovens que viva por ele. Percebe-se o fascínio de Orson Welles, outro gigante inclassificável – pela

obra de Blixen. Ambos subtis e com a indiferença pelo seu próprio tempo que só o génio permite, o tema fascina ambos: a vida esgotada no tempo, marcada pelo fracasso e tentada viver perfidamente por interpostas pessoas.

A hábil manipuladora das palavras e o perverso marionetista das imagens encontram-se num ambiente exótico, forçando o destino, organizando um mundo paralelo, com o poder do dinheiro e o fascínio da juventude perdida, dando um sinal de *omni(m)potência* que afinal é uma história de todos os tempos e nenhum, uma história imortal.

África Minha

Sidney Pollack não pode ser considerado um autor “davidleanesco,” mas também ele se rendeu à magia encantatória e evocativa da escrita blixeniana”. Pastoral tornada epopeia pelo simples recurso à imagem, os grandes planos, as grandes paisagens, as grandes decisões, alternam com a atenção ao detalhe intimista, os pequenos gestos, as mínimas vibrações. E se o filme acrescenta emoção graças à dupla de actores Meryl Streep/Robert Redford, a elegia autobiográfica que a Sherezade moderna dedica ao seu amor perdido, tem poucos paralelos na história da ficção mundial. Porque daquela terra primordial não pode haver futuro para os europeus decadentes, mesmo aqueles que tudo sacrificam para se lhe dedicar. A terra não é fértil, a baronesa tão pouco, não chegamos a saber se aquela história de amor realmente aconteceu ou se foi só uma das narrativas que a escritora foi inventando para reter um Finch Hatton, que, mais do que tudo, amava a respiração dos espaços africanos. *Tudo o que me disseres agora, eu vou acreditar*, tal o sortilégio do silêncio perigoso da savana.

Mas *A farm in África* foi o espaço e a geografia da sua vida, o tempo verdadeiro, o conhecimento do outro, a palavra escutada pelo amante, incompreendida pelos nativos, e viceversa, o amor inconsequente e improvável que não esperava retribuição.

E há qualquer coisa que ultrapassa o simbólico, para entrar no domínio do litúrgico, quando nos arriscamos a aflorar a *persona* de Dinesen, aliás, Blixen, aliás toda a gente e ninguém, feiticeira que recolhe a tradição oral africana, e a formaliza em escrita na Europa, entre vários mundos, vidas, continentes, pulsões. Escondida por múltiplos véus, reaparece subitamente, diáfana, para nos dizer que apenas viveu para contar histórias e que quando deixou de viver, passou a escrevê-las.

Misteriosa sibila de estranho olhar e cara enrugada, lábios mal pintados, de uma delicadeza exagerada, fez coincidir a descoberta de mundos amáveis e secretos, com a solidão exasperada de quem não encontra referencial físico ou humano que a possa acompanhar.

Donde vim, quem sou para onde vou? Poderia ter arriscado perguntar, durante toda a vida, sem encontrar, naturalmente, qualquer resposta.